

# PROJETO CATADOR CIDADÃO<sup>1</sup>

## Meio ambiente urbano e sociedade em busca de equilíbrio

A gravidade dos problemas relacionados ao lixo, também conhecido como resíduos sólidos, e o desperdício de inúmeros materiais com potencial significativo de reutilização<sup>2</sup> ou reciclagem<sup>3</sup>, que podem levar à economia de energia e redução da exploração dos recursos naturais do planeta, não é um assunto novo nos espaços públicos de comunicação. No entanto, apenas muito lentamente tem sido feito algo efetivo para que seja alterada e enfrentada a questão.

Essa situação tem um aspecto promissor, mas ainda aquém de suas potencialidades: a atuação do catador de materiais recicláveis<sup>4</sup>.

Os catadores<sup>5</sup> são aquelas pessoas que passam pela sua rua coletando o que é reaproveitável do seu lixo — muitas vezes com carrinho, outras de bicicleta, às vezes carregando tudo nas costas, por vezes levando na carroça...

Devido à situação lastimável de condições de vida, essas pessoas, não encontrando outros caminhos para sua existência, descobriram na separação e comercialização daquilo que as pessoas rejeitam um modo de tentar construir sua

sobrevivência. Muitos podem achar besteira dizer que eles são preguiçosos, criminosos, etc, como até já escreveram num jornal de Montes Claros..., mas certamente poucos prestaram atenção e refletiram sobre a vida dura de ter que pôr a mão num lixo, ainda mais estranho, separar o que é de proveito, retornar a fechar os sacos, de casa em casa, lixeira em lixeira, debaixo de sol e de chuva o dia inteiro<sup>6</sup>, sendo, às vezes, xingados e maltratados pela população, que não percebe, por puro preconceito, que essas são pessoas como ela, que pensa, sente, que, ri, chora, trabalha, erra, concerta, tenta, etc, mas que não tiveram condições, muitas vezes têm uma vida familiar desestruturada, sofreram sucessivas condenações morais por preconceito, e que estão ali tentando ganhar a vida, trabalhando honestamente, atrás de seu ganha pão.

Inusitadamente, procurando ganhar sua vida, pôr o que comer em sua casa (quando casa tem...), o catador lida com aquilo que as pessoas abandonaram, desprezaram — muitas vezes como ele próprio foi desprezado, abandonado por familiares, vizinhos, amigos, pelos seus representantes e defensores legais (vereadores, prefeitos, juizes...) — e disso que foi desprezado pelas pessoas, pela sociedade, de lá onde

---

1- Este projeto teve auxílio financeiro recebido como compensação financeira de dano ambiental de Termo de Ajustamento de Conduta entre uma empresa de Montes Claros e o Ministério Público, a quem aproveitamos a oportunidade de agradecer publicamente.

2- Entendemos por reutilizável todo material que pode ser novamente aproveitado em sua constituição atual, por exemplo as garrafas pets, que podem se tornar vassouras, fios de roupas, etc.

3- Já a reciclagem diz respeito aqueles materiais que podem ser processados, modificando forma, cor, estrutura, etc, no

sentido de obter uma condição mais primária, possibilitando, a partir daí, o retorno às primeiras etapas do processo produtivo, temos como exemplos o alumínio, o ferro e o vidro.

4- Também chamado por alguns de ecotrabalhador, agente ambiental ou reciclador.

5- Podemos distinguir o catador do lixião, que muitas vezes se encontra numa situação complicadíssima, a ponto de não ter coragem de estar de frente com as pessoas e cuja atividade está proibida, e o catador de rua, que já transita entre elas, mas raramente com elas. Aqui nossa atenção se direciona a este último.

parece não haver nada que preste, o catador procura e resgata o que ainda tem potencial: um símbolo, intensa expressão de sua própria batalha de sobrevivência na sociedade que já o descartou.

No fulero, no miolo, no seio do trabalho renasce a vida: o catador, a duras penas, num trabalho manso, rotineiro, paciente, persistente ao tempo em que se reconstrói e se dignifica por demonstrar sua esperança e vontade, que não morreram, ele faz o mesmo com os materiais/objetos aos quais nós deixamos de prestar atenção, como se não fôssemos responsáveis por aquilo que utilizamos da natureza, por aquilo que geramos.

Aqui se compreende o ambientalismo paradoxalmente cruel e humano dos catadores e de sua atividade. Aquilo que cada qual despreza, ele procura selecionar e reencaminhar, retomando o caminho de sua vida útil.

Com sua atividade, o catador de materiais recicláveis assume problemas e dificuldades, mas nem ele pode ser responsável sozinho por essa tarefa, nem nós cidadãos podemos deixar de contribuir — e não é difícil nem trabalhoso:

1) A simples separação do que é reaproveitável e reciclável daquilo que não o é já é um importante princípio para assumirmos nossas responsabilidades em relação aos recursos da natureza;

2) Entregar esse material diretamente ao catador, quando este passa por sua rua (proveite e combine com ele um dia que ele já passa por ali)<sup>7</sup>.

Esse segundo passo é um complemento social à responsabilidade de cada um de nós com a natureza; é um modo de, ecológica e socialmente, valorizar a vida — do planeta e dos homens.

## O projeto

Em 2004, Eduardo Gomes de Assis, ambientalista e membro do Instituto Grande Sertão\_IGS, teve a idéia de criar um projeto que auxiliasse o importante trabalho sócio-ambiental realizado pelos catadores de materiais recicláveis. Outros membros do IGS logo se juntaram a essa iniciativa e principiaram as discussões para decidir qual a melhor maneira de implementá-lo.

A partir dessas discussões, algumas diretrizes norteadoras foram delineadas, procurando garantir um projeto efetivo e factível. Dentre elas, destacaram-se:

- Necessidade de conhecer “mais de perto” a realidade dos catadores;
- O projeto deveria ser pequeno o suficiente para ser implantado com poucos recursos, mas grande o suficiente para induzir mudanças significativas na vida dos catadores;
- Essa iniciativa deveria gerar subsídios para sua melhoria;
- A autonomia e a participação ativa dos catadores deveria ser estimulada.

A partir daí, foi decidido que a atuação seria iniciada através de um projeto piloto num bairro e que seria o núcleo inicial de um projeto maior: o Projeto Catador Cidadão. Esse núcleo seria expandido de forma gradual à medida que fosse produzindo resultados e se consolidando.

O núcleo escolhido foi o bairro Morada do Parque, região sudoeste de Montes Claros, por se tratar de um bairro bem delimitado, próximo a dois parques que estimulam maior nível de consciência ambiental a seus moradores e também por ter uma associação de moradores forte, bem estruturada e que sinalizou seu apoio ao projeto.

Assim, de abril a setembro de 2005, foi realizada uma fase de pré-projeto, constituída principalmente de diversas reuniões com os catadores que trabalhavam no bairro. Nessas reuniões foram discutidos os problemas encontrados pelos catadores no seu trabalho diário e também na vida pessoal e familiar. Além de buscar e propor soluções para esses problemas, as reuniões também serviram para sensibilizar os catadores sobre a importância de seu trabalho para a sociedade e, em especial, para o meio ambiente.

Nessa fase, a equipe do projeto se constituía de Renato Martins, monitor do Instituto Grande Sertão; professor Felipe Martins, assessor do projeto pela Unimontes; e Ramon Risério, membro do IGS e coordenador do projeto.

De setembro a novembro, essa equipe formatou o projeto e em dezembro de 2005 o Projeto Catador Cidadão foi oficialmente iniciado.

6- Isso sem dizer dos problemas com atravessadores e ferros-velhos que por vezes ludibriam com ímãs e balanças desreguladas, dentre outras formas.

7- Ou, se em maiores quantidades, pode doá-lo para a

Associação de Catadoras e Catadores de Materiais Recicláveis de Montes Claros-ASCAMOC, ou ainda, caso preferir, pode ser deixado nos Locais de Entrega Voluntária-LEVs.

Durante a formatação do projeto foi decidido que a organização dos catadores numa associação não seria trabalhada nesse momento, e que essa deveria ser uma decisão dos catadores. Também foi definido o principal diferencial do projeto: a criação de uma relação entre catador e morador. Isso permitiria que o projeto continuasse sem a necessidade de terceiros, ou seja, somente com a participação de catadores; exigiria a sensibilização dos moradores quanto à importância sócio-ambiental dos catadores; diminuiria os conflitos entre catadores e moradores; e seria responsável pelo aumento da auto-estima dos catadores.

Essa sensibilização dos moradores foi realizada principalmente através de abordagem de porta em porta. Inicialmente, essa abordagem seria realizada por um monitor ou estagiário do projeto acompanhado de um catador. Ao longo das abordagens e das reuniões com os catadores, eles seriam capacitados a realizar as abordagens sozinhos.

A implantação do projeto nessa época do ano, entretanto, foi desastrosa, pois coincidiu com o início do período chuvoso, com o período de festas e o início das férias escolares.

Esses fatores impossibilitaram as abordagens até o final de fevereiro de 2006. Isto atrasou o projeto em quase três meses e desmotivou catadores e estagiários.

Outros dois fatores também trouxeram um pouco de desânimo aos catadores. Um deles foi a queda do preço do dólar, que fez a renda com a venda dos materiais recicláveis diminuir cerca de 40%. O outro ponto foi o fato de terem sido realizados seis meses de reuniões na fase de pré projeto sem que isto resultasse em alguma mudança visível ou significativa na vida dos catadores.

Assim, em março de 2006, tínhamos passado de uma média de 15 catadores para 5 participantes do projeto. E, dos quatro estagiários, apenas um permaneceu. A demora em produzir resultados mais concretos e a menor participação de catadores e estagiários provocaram certa falta de credibilidade por parte da diretoria e membros do Instituto Grande Sertão, da Universidade Estadual de Montes Claros e dos potenciais parceiros, como a Secretaria Municipal de Meio Ambiente.

Felizmente, ainda contávamos com o apoio da Associação dos Moradores do bairro Morada do Parque, e também da equipe original do projeto.

Após dois meses de funcionamento efetivo, o projeto quase parou novamente devido a um desentendimento entre três catadores, que se afastaram das atividades do projeto por

quase dois meses. Isto fez com que a operacionalidade do projeto se tornasse complicada (e os resultados e sua credibilidade fossem novamente questionados).

Os percalços dessa trajetória ensinaram nos, na prática, algumas lições, mesmo que já tivéssemos previsto teoricamente:

- Não faltaram problemas pessoais dos catadores, que atrapalharam a participação dos mesmos no projeto;
- Eventualmente, alguns catadores conseguiram empregos temporários, bicos e também empregos permanentes, que os afastaram do projeto por algum tempo ou permanentemente;
- Os catadores têm seu próprio ritmo e modo de trabalhar, que devem ser respeitados ao máximo;
- O envolvimento dos catadores, inclusive nas decisões sobre o projeto, é muito importante.

Esses catadores retornaram ao projeto, que não chegou a ser interrompido, mantendo se nesse período com dois catadores, mas o relacionamento e a coesão do grupo ficaram abalados. Esse problema, mais o fato de que as duas atividades previstas para estimular o trabalho em grupo (instalação de ponto de entrega voluntária em local público – Ecoposto – e participação do condomínio Saint Germain no projeto), não puderam ser implementadas, e assim não permitiram aumentar a confiança dos catadores uns nos outros<sup>8</sup>.

A autonomia pretendida também ainda não foi alcançada devido ao esforço e ao direcionamento de energias para a abordagem dos moradores e assim promover mudança mais significativa na vida dos catadores.

Mesmo diante de todos esses obstáculos, o Projeto Catador Cidadão conseguiu produzir resultados significativos. Das mais de 400 casas do bairro Morada do Parque, cerca de 30% aderiram ao projeto. A grande dificuldade foi encontrar os moradores no horário de trabalho do catador naquele bairro. Isto aconteceu em aproximadamente 60% das residências. Assim, cerca de 90% dos moradores que foram abordados aderiram ao projeto, ou seja, os moradores ficam realmente sensibilizados com o trabalho sócio ambiental do catador, e querem contribuir com ele.

O projeto também já está em estado avançado no bairro Morada da Serra, situado ao lado do Morada do Parque.

Uma grande conquista do projeto foi a relação criada entre

8- Isto seria, inclusive, determinante para a não participação na ASCAMOC.

catadores e moradores. O reconhecimento pelos moradores da importância do trabalho dos catadores e o contato semanal entre os mesmos diminuiu bastante os conflitos e a discriminação sofrida pelos catadores.

Um dos catadores mais comprometidos chegou a duplicar a renda durante essa primeira fase.

#### *Perspectivas*

Com base no que foi visto sobre a etapa piloto do projeto, as perspectivas agora indicam, em primeiro lugar, para a necessidade de continuidade do projeto nos bairros Morada do Parque e Morada da Serra, onde acreditamos poder ampliar a efetivação do projeto para as residências que não conseguimos contatar inicialmente, preferencialmente através de abordagem feita pelos próprios catadores, ou seja, sem a participação de terceiros (do projeto). Também é necessário estabelecer uma forma de acompanhar os resultados do projeto após seu término.

Uma ampliação para um outro bairro está sendo projetada, provavelmente nas redondezas dos já incluídos, com a intenção de aproveitar inicialmente os catadores que já

atuam no projeto, num bairro que seja comum para eles. Isso possibilitaria trabalhar a autonomia desses catadores em relação ao projeto (objetivo que não foi alcançado no projeto piloto).

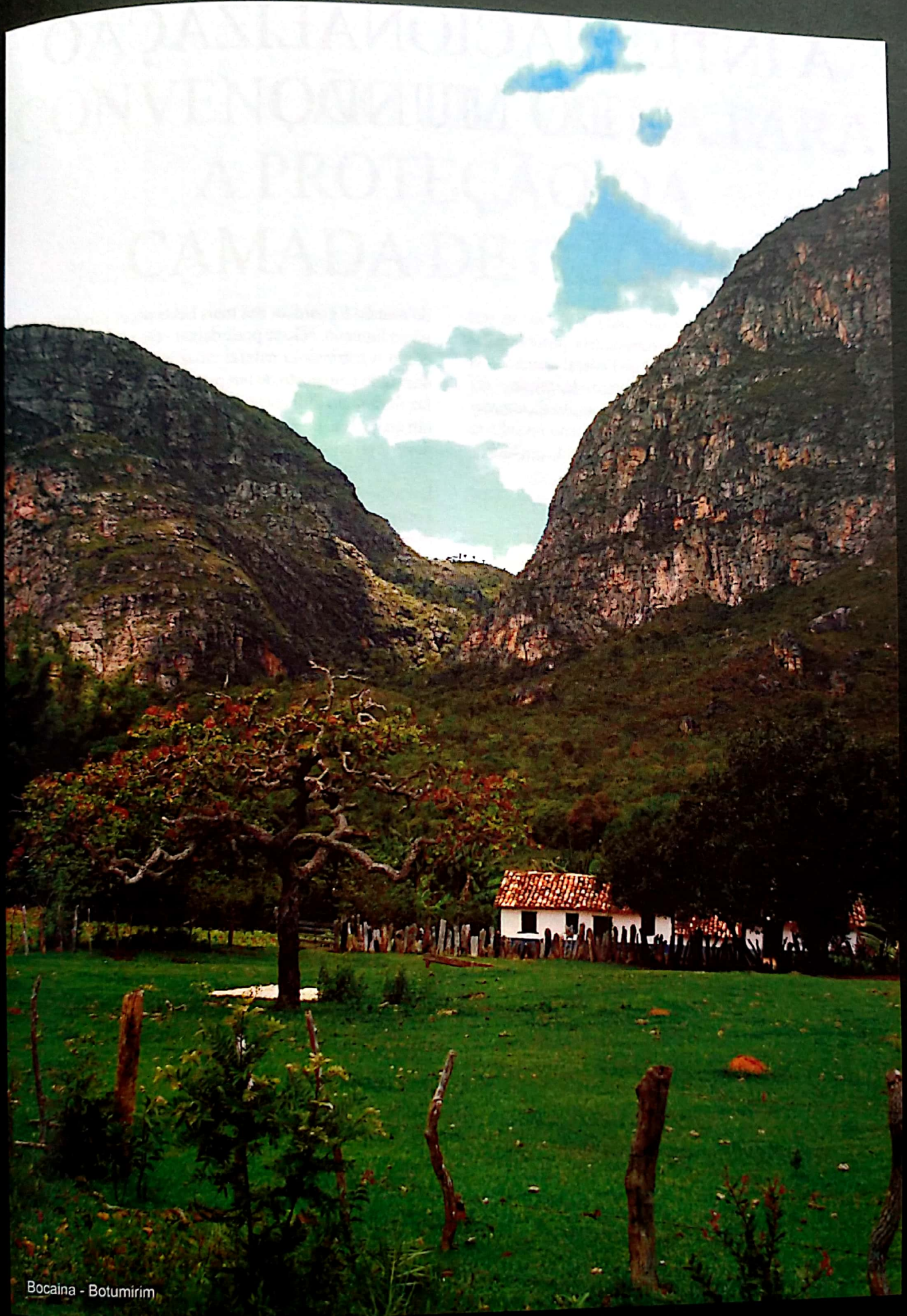
Uma terceira projeção são os contatos para articular e integrar as atividades do projeto Catador Cidadão com as da Associação de Catadoras e Catadores de Materiais Recicláveis de Montes Claros – ASCAMOC, fundada recentemente (setembro de 2006). Essa integração ajudaria a consolidar a existência da ASCAMOC e permitiria a expansão do projeto para vários bairros da cidade.

#### *Mini-Currículo:*

Felipe Teixeira Martins, mestre em Ciências Sociais, professor na UNIMONTES e também apicultor. Graduação e Mestrado em Ciências Sociais na Unesp campus de Marília.

Ramon Risério Dourado Leite, engenheiro, mestre, professor, vice-presidente do Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente, voluntário e co-fundador do Instituto Grande Sertão.





Bocaina - Botumirim